



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

EM TORNO DO SENTIDO: OS PREFÁCIOS DE CASA-GRANDE & SENZALA DIANTE DA CRÍTICA NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940.

Dorval do Nascimento*

O presente texto tem por objetivo discutir os diálogos entre a crítica e o autor em torno dos sentidos contidos nos textos das primeiras cinco edições de *Casa-Grande & Senzala*, utilizando-se, para tanto, dos artigos publicados em diferentes jornais e os prefácios das edições citadas, que compreendem o período 1933 – 1946. Este trabalho está inserido em uma pesquisa em andamento que trata da recepção de *Casa-Grande & Senzala* nas décadas de 1930 e 1940, objetivando compreender como se deu o itinerário para que este texto se tornasse fundamental na fundação de certa compreensão do Brasil moderno. O alcance desta abordagem, de priorizar a recepção, se concretiza a partir do conceito de apropriação. Com efeito, compreendida “em termos mais sociológicos do que fenomenológicos, a noção de apropriação torna possível avaliar as diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção”.

Pensada dessa forma, a ênfase sobre as apropriações culturais também nos permite ver que os textos ou as palavras destinadas a configurar pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores. As práticas de apropriação sempre criam usos ou

* Doutor em História (UFRGS) e professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É líder do grupo de pesquisa *História e Intelectuais* e bolsista produtividade da FAPEMA. Contatos: dorval@ufma.br.

representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas.¹

A pesquisa prioriza também a análise das tentativas do autor em indicar em seu texto e livros – das diferentes edições - os tipos de leituras que propõe àqueles que se apropriam de seu trabalho. Assim, a pesquisa persegue, a partir da análise da produção do texto/livros, as tentativas do autor em estabelecer um sentido único de interpretação a partir das marcas que busca fixar, o que se pode denominar como “protocolos de leitura” inscritos no texto². Neste sentido, se estuda *Casa-Grande & Senzala* mais como um texto e um livro (ou textos e livros, no caso das diferentes edições) e menos como uma obra. No caso deste trabalho, se priorizou estudo dos prefácios confrontados com a recepção que as edições tiveram por parte da crítica especializada de então.

O prefácio de Freyre à primeira edição de seu *Casa-Grande & Senzala* é um longo texto que ocupa cerca de trinta e cinco páginas da edição original³. Penso abordá-lo a partir de certos indícios que o texto contém e que pode deslindar as estratégias que o autor utilizou para fundamentar determinadas apreensões de seu livro. Nesse sentido, penso que é importante atentar para as marcas de distinção que o texto contém.

Um primeiro conjunto dessas marcas são aquelas que se referem às instituições e pessoas que são citadas no prefácio. Em relação aos que aparecem no texto, destacam-se as Universidades de Columbia e Stanford, ambas dos Estados Unidos. A primeira, onde Freyre fez a maior parte de sua formação superior, aparece articulada a seus colegas de estudos, como Ruediger Bilden, Francis Butler Simkins e Ernest Weaver, e, principalmente, a Franz Boas, a quem o autor atribui a base de sua concepção de raças e cultura. A Universidade de Stanford aparece articulada ao convite para que fosse professor visitante em 1931, quando se encontrava em Lisboa acompanhando o ex-governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, deposto pela revolução de 1930. Parece-me que a referência às duas universidades e às personalidades a elas associadas tem uma

¹ CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.233 e 234.

² BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.236.

³ FREYRE, Gilberto. Prefácio. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 1ª edição. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda, 1933, p. IX – XLIV.

óbvia motivação de mostrar ao leitor a sua trajetória e a do próprio texto, mas, ao mesmo tempo, funciona como um elemento de distinção do autor e de construção de sua imagem pública, como alguém que se diferenciava da maioria dos intelectuais brasileiros do período, pois tivera sua formação realizada em centros científicos mundiais de vanguarda e neles era respeitado.

No prefácio, Freyre deixa transparecer uma preocupação, me parece, com o que denomino de territórios de aplicabilidade da interpretação freyriana em *Casa-Grande & Senzala*. A questão seria saber até que ponto a interpretação presente no livro seria aplicável ao conjunto do território nacional, e mesmo a outros territórios marcados pela “monocultura escravocrata e latifundiária”, ou circunscrita ao nordeste/norte brasileiro. Não ficou claro, até este momento da pesquisa, se Freyre trata desse tema antecipando-se a possíveis críticas que sua interpretação poderia sofrer ou como uma possibilidade heurística de condição ontológica dos territórios de escravidão. De qualquer forma, o autor esforça-se para ultrapassar o nordeste como território de aplicação de suas interpretações. O autor utilizou argumentos no prefácio para articular costumes e características que encontrou principalmente no nordeste brasileiro com outros semelhantes encontrados em outras regiões do país. Além disso, enfrentou diretamente a questão em um trecho do prefácio e formulou uma possibilidade de interpretação, ao desvincular a civilização do açúcar de seu próprio sistema interpretativo e vinculando-o a “monocultura escravocrata e latifundiária em geral”, Freyre parece ter encontrado certa solução ao problema. É bem verdade que o Sul se resume a São Paulo e Rio de Janeiro. Mas, o certo é que com essa operação o autor abrangeu boa parte do território nacional ou, pelo menos, o território que interessava abranger.

Os artigos dos intelectuais que avaliaram o lançamento de *Casa-Grande & Senzala* se concentraram, de maneira geral, nas seguintes temáticas principais: estilo da escrita de Freyre, isto é, a linguagem utilizada no texto; questões relacionadas à própria composição do texto; e o “lugar” do livro no quadro das disciplinas e áreas de conhecimento, ou seja, as relações entre ciência e literatura.

O estilo da escrita de *Casa-Grande & Senzala* aponta para a discussão que se travava no campo intelectual no período entre os que Yan de Almeida Prado

denominava de “novos”, autores modernos que buscavam formas de expressão que rompessem com as normas estabelecidas, sustentadas pelos “antigos”⁴. Esta acolhida favorável, no entanto, não foi comum à maioria dos autores que escreveram sobre o livro. Agrippino Grieco foi o primeiro crítico que apontou problemas em relação à linguagem utilizada (*O Jornal* – RJ, 28/01/1934). Para ele, que afirma não ser um puritano, os “termos crus” do livro são desnecessários. Afonso Arinos de Melo Franco (*O Jornal* – RJ, 15/02/1934) e V. de Miranda Reis (*Boletim de Ariel* – RJ, 12/1934), no entanto, foram além, ao relacionar a linguagem do texto de Freyre com o gênero a que se vincularia o livro, segundo eles. A linguagem “chula, impura e anedótica” na avaliação do primeiro, corroboraria sua tese de que o livro de Freyre era pouco científico e muito literário, pois essa linguagem “dá ao livro um aspecto literário que o seu assunto e as suas graves proporções não comportam”, mesma posição do segundo, para quem “essa linguagem nada teria de estranha no romance, no conto, desde que viesse na boca das personagens”. José Antonio Gonsalves de Mello faz a defesa do estilo de Freyre, ao afirmar que “outro fato que me agradou [foi] o estilo de Gilberto Freyre; a pequena distância que ele mantém em seu livro, entre a nossa língua falada e a escrita” (*Boletim de Ariel* – RJ, 05/1934).

4

O pequeno artigo de Mello que, segundo Edson Nery da Fonseca⁵, foi auxiliar de Gilberto Freyre em pesquisas em Pernambuco, denota a existência de uma rede de colaboradores e amigos de Freyre que publicaram em jornais e sustentaram as posições do autor de *Casa-Grande & Senzala*, o que não significa que não fizessem, eventualmente, críticas pontuais. José Lins do Rego, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Manuel Bandeira, Olívio Montenegro, Ruy Coutinho, Sylvio Rabello, todos com artigos de crítica nessa época, estão entre eles. O mapeamento da rede de relações de Freyre permitirá desvendar um pouco melhor as estratégias de consagração do livro e de sustentação das posições do autor.

⁴ PRADO, Yan de Almeida. *Casa-Grande & Senzala. Literatura* (RJ). 20/01/1934. Republicado em FONSECA, Edson Nery da (org.). **Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985, p. 49-55. Para facilitar a leitura do texto, vou referenciar os autores das críticas, quando aparecerem pela primeira vez, entre parênteses, com o veículo de aparecimento do artigo, data, e a referência da republicação. Todos os críticos citados neste texto têm seus artigos publicados na coletânea organizada por Edson Nery da Fonseca referida acima.

⁵ FONSECA, Edson Nery. Op. Cit., p.20.

A composição do texto sofreu diversas objeções, mas duas se destacaram. João Ribeiro, um dos principais críticos do país, ainda que elogie Freyre, formulou uma objeção que foi discutida por diversos intelectuais em artigos posteriores, a de que o texto de *Casa-Grande & Senzala* não conclui (*Jornal do Brasil* – RJ, 31/01/1934). Outra objeção foi formulada por Agrippino Grieco, para quem faltaria ao texto “um núcleo, um centro”, já que haveria “muita coisa lateral no livro”. E acrescenta que talvez faltasse ao autor uma “convicção”. Isso talvez decorresse, para os críticos, da redação apressada do texto, que Grieco, como Afonso Arinos e outros, destacaram.

A catalogação de *Casa-Grande & Senzala* nos gêneros então prevalecentes no campo intelectual brasileiro tornou-se também motivo de avaliação do livro. Dada a forma inusitada como utilizava as fontes, os próprios tipos de fontes que utilizava, a redação próxima da oralidade, a utilização de imagens, dentre outras inovações, parece ter dificultado o enquadramento do livro. Mesmo a concessão do prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira ao livro de Freyre, em 1934, parecia embaralhar as classificações que então se faziam entre livros de ciência e livros de literatura, classificações ainda incipientes e com fronteiras bastante móveis. De qualquer forma, a maior parte dos críticos parece ter enquadrado o livro na primeira rubrica, a de ciência. Afonso Arinos, no entanto, como vimos em relação à linguagem, entendia que *Casa-Grande & Senzala* continha muita literatura, especialmente “em certas conclusões parciais a que ele chega” a partir dos dados históricos que arrolava. Posição semelhante tinha Alberto Passos Guimarães, para quem a linguagem utilizada por Freyre contribuiu “para desviar a apreciação de certos assuntos de um mais fundo rigor objetivo”, o que possibilitou “uma forma mais livre e mais literária do que a conclusão rigidamente científica” (*Boletim de Ariel* – RJ, 04/1934).

Freyre respondeu no prefácio à segunda edição de *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1936⁶, aos aspectos principais levantados pela crítica. O tom geral do prefácio é de humildade e reconhecimento de determinadas objeções.

Em relação à composição do texto, o autor reconhece “aquella falta de coesão de material que um crítico estrangeiro, aliás amabilíssimo, lamentou nestas páginas, tão

⁶ FREYRE, Gilberto. Prefácio. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regimen da economia patriarcal. 2ª edição. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1936, p. XXXIII – XXXIV.

pouco francesas na sua technica, talvez mesmo pouco latinas (...)”⁷. A referência ao crítico estrangeiro, que denota certo reconhecimento internacional do livro, e o texto pouco francês ou latino (diria, então, muito inglês e anglo-saxão), que lembra a sua formação nos Estados Unidos, são, ao que parece, estratégias que o autor lança mão para, reconhecendo as objeções da crítica, atribuí-las às suas próprias características culturais, legitimando-as. Ao mesmo tempo, raramente Freyre nomeia o autor que o critica (“um crítico estrangeiro”), mantendo-o no anonimato, como se esforçando por situar a discussão em seu próprio território, sem alçar o contendor à condição de par. Do mesmo modo, em relação à linguagem utilizada no texto, Freyre registra as objeções feitas por “um crítico mais orthodoxo”, de ser anedótica, sem dignidade, pouco técnica e até chula. Ao que opõe, afirmando que utilizou linguagem contrária ao pedantismo da erudição científica e demarcando a condição epistemológica própria às ciências sociais, que, diferentemente das outras ciências, lida com valores humanos e, por isso, possui sua própria linguagem.

No mesmo ano de 1936 e no seguinte, apareceram artigos de críticos em jornais que prosseguiram avaliando o livro de Freyre, ainda que em menor número. Em vista disso, tomemos dois dos artigos, os mais relevantes por resumirem as questões colocadas pelos outros textos, e acompanhemos as avaliações realizadas pelos seus autores. O primeiro é o de Miguel Reale, publicado no jornal *Ação* em 16/10/1936. Reale coloca duas objeções fundamentais. A primeira se refere ao que ele chama de “vício da generalização”, que levaria Freyre a fazer considerações sobre costumes particulares vinculados a determinado grupo, sem perceber que tais costumes existem em sociedades que não possuem o grupo considerado. Esse “vício”, segundo o autor, é o que também leva Freyre a “estender a todo País certas observações válidas mais para o Norte ou o Nordeste”, já que “falta ao escritor pernambucano um conhecimento direto do Brasil meridional, de S. Paulo até os pampas”. O problema, portanto, da aplicabilidade das interpretações de *Casa-Grande & Senzala*, que havia sido abordado de passagem por Agrippino Grieco por ocasião da 1ª edição, volta a aparecer. A segunda objeção de Reale refere-se à influência da “filosofia naturalista e mesmo materialista” no texto do livro, e utiliza a discussão sobre a ação dos jesuítas na

⁷ FREYRE, Gilberto, Op. Cit., p.XXXIII.

formação do país para exemplificar a questão. O segundo artigo dessa série é o de José Fernando Carneiro (*Diário Carioca* – Rio de Janeiro, 1937; *Revista Brasileira de Pedagogia* – Rio de Janeiro, 06/1937, que contesta a competência de Freyre em matéria de genética, e, a partir de inúmeros exemplos que fornece, acusa Freyre de “mania da erudição científica”, falando do que não entende como se entendesse. Carneiro não afirma explicitamente, mas parece considerar Freyre mais como um literato, baseado em vulgarizadores da ciência experimental, do que propriamente um homem de ciência.

A 3ª edição de *Casa-Grande & Senzala* foi publicada, em 1938, à revelia de Freyre, o que o impediu de fazer qualquer modificação no texto. O autor publicou, no entanto, um texto na *Revista do Brasil*⁸, depois republicado na 4ª edição⁹, em que tece considerações sobre as críticas a seu livro até aquele momento. Nele o autor anuncia que tratará de algumas críticas que se relacionam “com ideologias políticas a que interessa a questão de raças”, “com a doutrina, os ideais ou o passado de instituições de influência mais poderosa sobre a formação brasileira”, e “com sobrevivências econômicas e sociais – como a monocultura latifundiária – ainda ativas e até dominantes em certas regiões do país”. A tentativa de localizar os destinatários das respostas que Freyre articula em seu prefácio é quase impossível, simplesmente porque o autor não nomeia aqueles com quem dialoga, a não ser que interesse a seu propósito de auto-legitimação como intelectual importante naquela conjuntura do campo intelectual. No caso desse prefácio, são nomeados intelectuais estrangeiros, como “Coornaert, da Sorbonne” e o “professor Martin, de Stanford”, e intelectuais brasileiros importantes como Almir de Andrade, Carlos Estevão Martins, então diretor do Museu Goeldi e Affonso de E. Taunay. Os demais críticos nacionais são tratados, no prefácio, ou como distorcendo os pontos de vistas de Freyre, ou como improvisadores que, portanto, não possuíam formação especializada. Além disso, aparece no prefácio a noção de que boa parte da crítica à *Casa-Grande & Senzala* não avaliaria as qualidades do livro, mas seria feita a partir de posições ideológicas, o que a desautorizaria como crítica. O texto desse prefácio parece ser um bom indício para se avaliar o

⁸ A propósito de um livro em 3ª edição. **Revista do Brasil** (Rio de Janeiro), vol.1, nº 1, p. 33-40. Citado por FONSECA, Op. Cit., p.31. Não tivemos ainda acesso a esse texto.

⁹ FREYRE, Gilberto. Quase um prefácio à terceira edição. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 4ª edição. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, p. 57 – 64.

recrudescimento das disputas políticas por ocasião da implantação do Estado Novo e suas repercussões no mundo dos intelectuais.

Freyre utiliza boa parte do prefácio tratando do tema dos jesuítas. Mesmo a resposta que dá a Carlos Estevão Martins acerca de costumes indígenas, tem, ao que me parece, o objetivo de utilizar a autoridade de Martins para corroborar sua própria avaliação de que os jesuítas não utilizaram métodos adequados na cristianização dos indígenas, ainda que Freyre louve o papel desses religiosos nos “difíceis começos da civilização nesta parte tropical da América”. Outra discussão importante do prefácio refere-se à crítica de Affonso Taunay de que “o livro se ocupa quase exclusivamente do Norte, desprezando a paisagem social do sul”. Freyre reafirma que o patriarcalismo não estaria vinculado ao ciclo do açúcar, mas a monocultura latifundiária e escravocrata, como fizera no prefácio à 1ª edição, agregando a zona cafeeira de São Paulo e do Rio de Janeiro. A novidade no texto acima é a menção mais elaborada às Minas Gerais e a economia das minas, como base, ainda que mitigada pelo poder português, do patriarcalismo naquela região. Com isso, Freyre cobria a parte mais relevante naquele momento do território nacional, o nordeste e o sudeste. Isso, no entanto, parece não ter resolvido o problema, como veremos a seguir.

Com efeito, o prefácio à 4ª edição de *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1943¹⁰, trata fundamentalmente desse problema. Essa edição foi modernizada, em relação às anteriores, e chamada de “definitiva” pelo editor José Olympio¹¹. No prefácio, Freyre trata da questão com certo tom de irritação: “Uma crítica ou restrição a este trabalho, de que o autor desejaria poder ocupar-se com a amplitude que merece, é a que insiste, ora de boa fé, ora maliciosamente, no caráter regional – ‘nortista’ ou ‘pernambucano’ – no material reunido nas páginas que se seguem”¹². Freyre argumenta que “não seguiu critério rigorosamente geográfico ou histórico” e “que, dentro do

¹⁰ FREYRE, Gilberto. Prefácio à Quarta Edição. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 4ª edição. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, p. 67 – 71.

¹¹ Edson Nery da Fonseca afirma que “a partir dela, o cânone – como se diz em ecdótica – se manteria intacto” (FONSECA, 1985, p. 26). A comparação dos textos da 4ª e 5ª edições, ainda por ser feita, poderá fornecer detalhes significativos sobre o significado de “definitiva”. O certo é que houve modificações na última edição citada, conforme o próprio Freyre afirma no prefácio àquela edição.

¹² FREYRE, Gilberto. Op. Cit., p.69.

critério que utilizou (que ele chama de “genético e regional”) não pôde deixar de dar importância à área do açúcar, já que sua influência foi fortíssima na “sociedade brasileira tomada no seu conjunto”. Essas mesmas características, diz o autor, encontrou na economia do café. E conclui sobre este ponto: “As duas economias – a do açúcar e a do café – condicionaram o desenvolvimento do nosso patriarcalismo agrário”. O autor reafirma, a partir desses argumentos, a aplicabilidade ao território brasileiro das interpretações do livro ou, dito de outra forma, o desvendamento das origens do país e das características que moldariam o que o autor chama de formação social brasileira.

A publicação da 4ª edição, que Edson Nery da Fonseca considerou um “marco editorial”¹³, desencadeou uma intensificação nos artigos de crítica aparecidos nos jornais, comparável ao que ocorreu por ocasião da estreia do livro. Em relação à crítica da 1ª e 2ª edições, três questões relativamente novas aparecem: a avaliação da obra de Freyre até então publicada e sua relação com Casa-Grande & Senzala; referências à posição que o autor passou a ocupar no campo intelectual e consequências sobre seu trabalho; e a problemática da aplicabilidade das análises do livro para compreender o conjunto da história e do território brasileiro.

Esta última questão, como vimos, aparece desde o primeiro prefácio de Freyre. No entanto, passou praticamente despercebida na crítica dos jornais à 1ª edição, pelo menos em relação aos materiais que temos. Apenas Agrippino Grieco a levantou em relação a esta edição e Miguel Reale em relação à 2ª edição. Porém, a questão foi formulada pela crítica em outros veículos, como demonstra a resposta que Freyre dá a Affonso de E. Taunay no texto do prefácio à 3ª edição, publicado, no entanto, somente na 4ª edição do livro, e também porque a principal discussão do prefácio à 4ª edição refere-se, fundamentalmente, a esta temática.

Nos artigos de crítica à edição citada, o problema é tratado por diversos autores, a demonstrar que se impôs como central na discussão entre a crítica e Freyre. Entretanto, as interpretações da problemática são diferenciadas. Sérgio Milliet (*O Estado de São Paulo*, 16/10/1943; *Diário de Pernambuco* - Recife, 09/01/1944) e Álvaro Lins (*Correio da Manhã* – Rio de Janeiro, 12 e 19/11/1943) entendem que a análise freyriana é generalizável para o conjunto do território nacional, o primeiro

¹³ FONSECA, Edson Nery. Op. Cit., p.26.

ressaltando que a dominância da economia do café no sul do país cria relações de similitude com a economia do açúcar, baseadas ambas no mesmo sistema latifundiário, ainda que ressalve que, no caso meridional, foi a imigração europeia que exerceu aquela “função democratizante” desempenhada pela miscigenação no norte do país; e o segundo ressaltando que o texto de Freyre assinala as diferenças entre as duas regiões que, não sendo essenciais para a análise, pode ser generalizável para outras regiões. Eloy Pontes (*O Globo* – Rio de Janeiro, 18/09/1943), por outro lado, contesta explicitamente, em diversas passagens, a afirmação de Freyre de que não há caráter regional em sua análise, terminando por afirmar que o autor exagerou ao atribuir aos grandes senhores territoriais de Pernambuco, “influências extraordinárias na formação nacional”. Da mesma forma, Luis Washington Vita (*O Estado de São Paulo*, 26 e 30/12/1943) contesta a afirmação, por ele atribuída a Freyre, de que a paisagem social do norte exprimiria melhor o Brasil colonial e, desse modo, participaria de forma privilegiada da formação histórica do país. Vita ressalta as diferenças existentes entre norte e sul desde o período colonial.

Outra problemática que aparece nos artigos, como dissemos, refere-se a posição de *Casa-Grande & Senzala* na obra de Gilberto Freyre. Os críticos que tratam desse assunto são unânimes em ressaltar dois aspectos, interligados, na obra de Freyre, que são: Primeiramente que *Casa-Grande & Senzala* é o único de seus livros até então publicados que efetivamente inovou na análise que se propôs fazer, resultando que Freyre seria, na prática, “um homem de um só livro” (Antonio Pinto de Medeiros, *A República* – Natal, 20/02/1944). Em decorrência, Freyre teria se tornado repetitivo em seus livros posteriormente publicados, girando sempre em torno das temáticas de *Casa-Grande & Senzala*. Freyre havia, desde sua estreia, publicado os seguintes livros, dentre outros: *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano* (1936); *Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil* (1937); *Região e Tradição* (1941); *Ingleses* (1942) e *Problemas Brasileiros de Antropologia* (1943).

Era, portanto, um autor que havia se consagrado por seu livro de estreia e estava publicando uma obra referenciada neste livro. A posição que o autor passou a ocupar no campo intelectual e as consequências dessa posição sobre seu trabalho são

destacadas por dois críticos. Eloy Pontes ressalta que Freyre “não estima críticas e advertências” e que se cerca de seus amigos (“espírito de clã”) a ouvir “panegíricos”. Edison Carneiro (*Diretrizes* – Rio de Janeiro, 09/09/1943) observa que, em vista da consagração que Freyre havia alcançado, ele não mais dizia “as coisas com franqueza, com uma liberdade de palavras que era um de seus grandes méritos” e que utilizava linguagem e formas de pensamento “contra que o seu *Casa-Grande & Senzala* representou uma reação tão salutar”.

O prefácio à 5ª edição de *Casa-Grande & Senzala*¹⁴ deixa transparecer, de fato, que Freyre é um autor consagrado. Não há, nele, nenhuma discussão direta com a crítica¹⁵. Porém, mesmo um autor consagrado precisa controlar os possíveis sentidos que seu livro, e agora sua obra, adquirem no espaço público. Em decorrência, percebe-se ainda um esforço do autor no sentido de sistematizar suas interpretações e, por fim, sua obra. Freyre indica uma série de “colegas ou amigos” que cooperaram com ele no levantamento de documentos no que ele chama de subáreas da “área patriarcal-escravocrata no Brasil”, espécie de sistema histórico-interpretativo: subárea extremo-sul, central, baiana, maranhense, extremo-norte, pastoris, além de “antecedentes europeus do sistema patriarcal-escravocrata no Brasil”, antecedentes africanos, geografia do sistema e folclore. Ao mesmo tempo, indica certo ordenamento de sua obra, apontando aqueles livros, publicados ou a serem escritos, que equivaleriam à análise do sistema e delimitariam a parte de sua obra que estaria diretamente relacionada com *Casa-Grande & Senzala*.

Ao transformar sua análise em sistema e sua obra em série, Freyre parece estar respondendo à necessidade de aportar certo limite às críticas que lhe foram feitas pelos autores que analisaram *Casa-Grande & Senzala*. Após mais de uma década de debates em torno do livro parecem ter restado duas questões que se tornaram fundamentais na avaliação do livro e, mais amplamente, da obra de Freyre: a de que a análise de *Casa-Grande & Senzala* aplica-se ao norte/nordeste brasileiro, mas não ao conjunto do país, e

¹⁴ FREYRE, Gilberto. Prefácio à Quinta Edição. **Casa-Grande & Senzala** – Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 5ª edição. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1946, p. 75 – 80.

¹⁵ O *locus* que Freyre escolheu para responder à crítica foi as notas de rodapé: “Vários são também os acréscimos de notas nas quais o autor procura esclarecer sua posição diante de objeções e reparos de críticos nacionais e estrangeiros” (FREYRE, 1946, p.77).

a de que Gilberto Freyre é autor de somente um livro. Somente as análises que a pesquisa ainda necessita fazer, e que foram indicadas no decorrer deste texto, poderão situar um pouco melhor os significados desse debate em torno dos sentidos do livro e das lógicas sociais e culturais que o presidiram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 211 – 238.

FONSECA, Edson Nery da. **Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**: artigos reunidos e comentados por Edson Nery da Fonseca. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regimen da economia patriarcal. 1ª edição. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda, 1933, p. IX – XLIV.

_____. Prefácio. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regimen da economia patriarcal. 2ª edição. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1936, p. XXXIII – XXXIV.

_____. Quase um prefácio à terceira edição. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 4ª edição. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, p. 57 – 64.

_____. Prefácio à Quarta Edição. **Casa-Grande & Senzala** – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 4ª edição. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, p. 67 – 71.

_____. Prefácio à Quinta Edição. **Casa-Grande & Senzala** – Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 5ª edição. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1946, p. 75 – 80.